

RECONSTRUÇÃO DE UM NOVO “SUJEITO” A PARTIR DA EDUCAÇÃO NATURAL DE ROUSSEAU

THE RECONSTRUCTION OF A NEW “SUBJECT” FROM ROUSSEAU’S NATURAL EDUCATION PERSPECTIVE

Almir Paulo dos SANTOS*

Resumo: Em seu desenvolvimento histórico, a epistemologia das ciências humanas esteve marcada por ideais iluministas e por um modelo técnico-científico que, apesar de serem vistos como sinônimos de progresso, não condiziam com certos princípios humanistas. Por isso, embora fosse considerado brilhante iluminista, Jean Jacques Rousseau contestava idéias e estruturas do Iluminismo, principalmente a estrutura pedagógica. Propôs ele uma nova maneira de se olhar o ser humano, especialmente na infância. Mostrou a necessidade de uma educação natural que valorizasse a criança e desconstruísse o conceito então vigente de “adulto em miniatura”. Ressaltou a importância de reconstrução de uma sociedade realmente democrática, que tivesse a vontade geral como alicerce de sustentação e de valorização do sujeito humano. Foi esse contexto de contestação, mas também de reflexão, de busca de novos caminhos que desencadeou o presente estudo, cujo objetivo é refletir sobre o desenvolvimento da educação natural de Rousseau e, de forma articulada e sistemática, construir esse processo de educação, repensando assim a maneira como a educação infantil vem sendo trabalhada na atualidade. De forma introdutória, pretende-se verificar neste artigo as influências do modelo tecnicista no contexto da infância, para reconstituição dos aspectos pedagógicos e teóricos que Rousseau utilizava na educação natural,

* Graduado em Filosofia e mestrando em Educação pela UPF . E-mail: almirpds@yahoo.com.br

contraponto de análise para valorizar o ser humano como um sujeito histórico e social. O estudo mostra que para colaborar na construção ou reconstrução desse sujeito, o professor precisa lembrar que a educação natural logo na infância é o pressuposto essencial para a inserção do ser humano na sociedade democrática pensada por Rousseau. Precisa, também, buscar fundamentos em uma epistemologia que parece ter sido desvirtuada historicamente e que necessita ser recuperada para que as ciências humanas encontrem seu lugar no processo histórico-epistemológico.

Palavras-chave: Ciências Humanas. Rousseau. Educação Natural. Vontade Geral.

Abstract: During its historical development, human sciences epistemology has been marked by illuminist ideals and by a technical-scientific model that despite being seen as synonymous to progress did not match certain humanist principles. Despite being considered a brilliant illuminist, Jean Jacques Rousseau contested the illuminist ideas and structures, in particular the pedagogical structure. He proposed a new way of looking at the human being, especially during infancy. He showed the need of a natural education that valued children and de-constructed the concept of “adult in miniature”. Rousseau emphasized the importance of re-constructing a real democratic society that saw consensus as the basis for supporting and valuing the human being. It was in this context of contestation, but also of reflection, of search of new paths that the present study came to life, with the aim of reflecting about the development of Rousseau’s natural education and, in an articulate and systematic manner build this process of education rethinking how childhood education has been done in our days. As an introductory study, this article intends to verify the influences of the technician model in the context of childhood, for the reconstruction of the pedagogical and theoretical aspects that Rousseau used in his natural

education, counterpoint of analysis to value the human being as a social-historical subject. The study shows that to collaborate in the construction or re-construction of the subject, teachers need to take into consideration that natural education in early childhood is an essential premise for the insertion of the human being in the democratic society as Rousseau imagined. Teachers also need to search for the basic elements in an epistemology that seems to be historically distorted and that needs to be recovered so that the human sciences find their space in the epistemological-historical process.

Keywords: Human Sciences. Rousseau. Natural Education. Consensus.

INTRODUÇÃO

A epistemologia das ciências humanas esteve marcada em seu desenvolvimento histórico por ideais iluministas que carregaram consigo um modelo científico-tecnicista de investigação através da razão e de verdades consideradas como quase absolutas.

A modernidade construiu em seus ideais a capacidade de levar a humanidade ao progresso pelas bases tecnicistas, contendo em si uma visão linear de tempo vinculada a uma razão instrumental, em um processo onde tudo é fundamentado racionalmente, através de um valor, de um ter.

Percebemos, assim, que os ideais iluministas desconsideraram o sujeito humano e a própria ciência humana fornecendo valorização à tecnicidade e aos ideais de progressos cumulativos, considerando o processo histórico fundamentado na realidade sensível, materializada.

Compreender os elementos norteadores que fundamentaram a razão instrumental é tarefa a ser desenvolvida, para assim percorrer-se a problemática da epistemologia das ciências humanas, tão esquecida no desenvolvimento histórico iluminista.

Na leitura iluminista o conhecimento serviria à emancipação do homem, o que não foi confirmado pela história. A Ciência desviou-se de seu destino necessariamente social, servindo de instrumento de

dominação e destruição. Nesse contexto, as ciências humanas não conseguiram utilizar-se do método positivista nem avançar sobre o tecnicismo, e muito menos romper com o passado, estabelecendo uma nova ordem social, o que acarretou sérias dificuldades de legitimação na sociedade.

Percebemos com isso que existe a necessidade de resgatar as ciências humanas do processo histórico iluminista. Esse é um dos grandes objetivos a ser percorrido como forma de releitura de algumas questões históricas que passaram despercebidas pelos avanços da técnica e que têm em Rousseau o alicerce de fundamentação teórica, através da educação natural.

O problema a ser investigado consiste na mudança de paradigma que Rousseau apresentou à sociedade de seu tempo, mostrando que existe a possibilidade de fazer uma releitura desse modelo iluminista tecnicista como aspecto central de valorização da infância e, conseqüentemente, das ciências humanas.

Jean Jacques Rousseau, um dos brilhantes iluministas que contestou as estruturas política, religiosa e pedagógica desse período, mostra um novo olhar sobre o ser humano, principalmente na infância, propondo uma nova maneira de educar o indivíduo para assim viver numa república democrática. Essa nova maneira de olhar para o ser humano entrou em choque com as estruturas do antigo regime¹.

Rousseau faz uma crítica social do seu tempo, porque a sociedade mostra-se artificial, contrária aos aspectos de uma educação natural, e é a partir disso que surgem os vícios que fazem os homens sofrer, pois ao invés de “iluminar” os seres humanos os separa uns dos outros, e o ser humano não mais se reconhece em si mesmo, mas sim na exterioridade, como sendo escravo das coisas.

A perda da transparência de si mesmo e de sua natureza leva o ser humano ao obstáculo da alienação, esquecendo-se de seu estado natural. Essa é a grande crítica que Rousseau apresenta, pois existe a necessidade do resgate do ser humano dessa artificialidade que a sociedade fornece em seu tempo, e um dos caminhos apontados por Rousseau é a educação natural, que faz do ser humano já na infância um ser de liberdade e de responsabilidade, sujeito da história.

Perceber a unidade pedagógica e a mudança de paradigma

¹ Je ela trovai dans notre orde social, qui, de tout point contraire à la nature que rien ne détruit, la tyrannise sans cesse, et, lui fait sans cesse réclamer sés droits. Je suivis cette contradiction dans sés conséquence, et je vis qu elle expliquait seule tous lés vices dès hommesn et tous lés maux la société. (STAROBINSKI Jean. 1971 pág. 37).

que Rousseau apresentou em seu tempo é fator importante para se entender, em um primeiro momento, um novo ser humano, capaz de ser sujeito da história e de si mesmo, reconstituindo com isso as ciências sociais.

Buscar na educação natural de Rousseau a possibilidade de valorização das ciências humanas, principalmente a partir da infância, é tarefa a ser pesquisada como pressuposto de novas indagações que possibilitem olhar a infância e o ser humano como sujeitos do processo histórico e epistemológico.

A UNIDADE PEDAGÓGICA DE JEAN JACQUES ROUSSEAU

Rousseau, em sua unidade pedagógica, vai contestar a estrutura política, religiosa e pedagógica de seu tempo, propondo uma nova maneira de olhar o ser humano, principalmente na infância, através da educação natural, para assim construir uma república democrática.

A forma política que Rousseau apresenta no contrato social constitui o fundamento primeiro de uma nova democracia, mas sem dúvida o direcionamento que tal contrato apresenta está baseado nos princípios da vontade geral².

É no aspecto pedagógico que Rousseau mostra um novo olhar sobre a infância, vinculado ao conceito de liberdade, e com isso ele pretende construir um modelo de educação para crianças com métodos bem diferentes daqueles existentes em sua época.

A relação do amor dos adultos para com as crianças, na França do século XVIII, era algo que necessitava ser trabalhado. Por mais que os pais gostassem de seus filhos, dificilmente admitiam amar as crianças pelo que elas eram, mas sim por aquilo que deveriam ser como ideais dos adultos. Até os falecimentos de crianças não significavam para o povo uma perda, eram considerados como algo quase habitual.

A sociedade da época via as crianças como sendo “adultos em miniatura” e elas tinham que começar a trabalhar muito precocemente

² Cada um de nós põe em comum sua pessoa e todo o seu poder sob a suprema direção da vontade geral; e recebemos, coletivamente, cada membro como parte indivisível do todo. Imediatamente, em vez da pessoa particular de cada contratante, esse ato de associação produz um corpo moral e coletivo composto de tantos membros quantos são os votos da assembleia, o qual recebe, por esse mesmo ato, sua unidade, seu eu comum, sua vida e sua vontade. (O contrato social, 2001, pág. 22).

e, até mesmo, a se vestirem como adultos. Conseqüentemente, as crianças participavam inclusive de festas que deveriam contar apenas com a presença de adultos.

Podemos perceber, assim, que essa concepção de sociedade que se tinha nos séculos XVII e XVIII estava sendo questionada e que Rousseau, em particular, consegue com muito esforço mostrar o respeito que se deve ter com as crianças e, conseqüentemente, com a própria infância.

O resgate do processo pedagógico que Rousseau propõe para a infância fornece para as famílias e para a sociedade um novo sujeito humano, uma criança que deixa de ser “adulto em miniatura” ao passar por um processo de valorização da própria infância, através da educação natural.

Em sua obra *Discurso sobre a Origem da Desigualdade*, Rousseau tem como pressuposto político e social a idéia de que a classe dominante da época é produto da desigualdade, portanto, esse modelo de sociedade não deveria mais ser aceito³.

Apesar de Rousseau estabelecer críticas à desigualdade social, uma das características mais cruéis da classe dominante estava exposta na criança, pois a infância não era respeitada enquanto infância nem mesmo pelo valor aquisitivo que a classe social e economicamente valorizada tinha. Logo, podemos perceber que o respeito à criança era negado mesmo nas diferentes classes existentes na época⁴.

Toda a obra política de Rousseau, desde os romances até os escritos sobre educação, entre outros, tem como preocupação central o destino social e político do homem, mas o autor vê essa questão com um olhar ético e moral, demonstrando um respeito muito grande pelo homem enquanto criança, pela infância, fase em que o destino

³ Da extrema desigualdade das condições e das fortunas da diversidade das paixões e dos talentos, das artes inúteis, das artes perniciosas, das ciências frívolas, sairiam multidões de preconceitos, igualmente contrários a razão, à felicidade e à virtude; ver-se-ia fomentado pelos chefes tudo quanto, desunindo-se, pudesse enfraquecer os homens reunidos (*Desigualdade entre os Homens*. 1999 pág.239).

⁴ “Mal a criança saiu do ventre da mãe e mal gozou da liberdade de movimentar e esticar seus membros e já lhe dão novos laços. Põem-lhe fraldas, deitam-na com a cabeça presa e com as pernas esticadas, com os braços pendentes ao lado do corpo; é envolta em panos e bandagens de toda espécie, que não lhe permitem mudar de posição. Feliz da criança se não a apertaram o ponto de impedi-la de respirar, e se tiveram a precaução de deitá-la de lado, para que as águas que deve devolver pela boca possam cair por si mesmas! Pois ela não teria a liberdade de voltar a cabeça para o lado a fim de facilitar seu escoamento” (*Emílio ou da Educação*, 2004, p.17).

de cada um começa a se delinear⁵.

As contestações que Rousseau apresenta em sua época nos traduzem alguns questionamentos, principalmente em relação a um modelo iluminista que a princípio era o grande alicerce do momento, mas que, segundo Rousseau, já em sua origem trazia consigo o erro e o engano para a sociedade.

Percebemos no aspecto teórico-pedagógico, através da educação natural, que Rousseau fornece uma nova interpretação epistemológica para o sujeito e para as ciências humanas, porque respeitar a infância é um dos primeiros passos para a valorização do sujeito humano e das ciências humanas.

O PAPEL DE ROUSSEAU NA MUDANÇA DE PARADIGMA NA EDUCAÇÃO, NOS SÉCULOS XVII E XVIII

As estruturas conservadoras dos séculos XVII e XVIII provocaram o sujeito moderno a pensar, através da base teórica de Rousseau, numa nova maneira de educar e conceber o ser humano, em que se pudesse restabelecer a harmonia natural como processo primeiro para uma educação infantil.

Podemos entender que Rousseau propõe a formação de um novo ser humano, um novo sujeito social, que deve estar relacionado e em interação com a sociedade, em um processo no qual a educação natural possa construir e respeitar a infância, sobretudo no convívio social.

Rousseau clama fortemente pelo amor à infância e pela preservação da natureza da criança, pois essa seria a forma idealizadora de uma educação natural e, conseqüentemente, de um novo modelo de sociedade existente e que precisa ser respeitado.

Com isso Rousseau mantém uma opinião muito determinada: ele realmente acredita e defende as idéias de que o estado de natureza tenha existido no tempo e no espaço, sendo, portanto, um estado histórico e de transformação, principalmente quanto à infância.

Conta Rousseau que esse estado ocorreu já no início da huma-

⁵ O que a obra política de Rousseau tematiza na sua essência? A crítica social de Rousseau visa contestar a sociedade na medida em que esta contraria a ordem natural. Essa sociedade, que nega, mas não suprime a natureza, manterá com ela um permanente conflito que, para ele, é a fonte de todos os males e defeitos que os homens sofrem. Para o autor, as enganadoras luzes da iluminação não só não iluminam como ocultam a sua transparência natural. (A Democracia em Rousseau, 1997, p. 46).

nidade, com o homem vivendo a figura do “bom selvagem”, aquele que se encontrava em perfeito estado de harmonia com a natureza: tudo de que ele necessitava para viver, retirava da própria natureza. A realidade desse contexto era a de um homem jogado ao seu estado natural, cuja única preocupação seria a autoconservação. Para tanto, o mais importante era o bom uso do seu corpo.

Rousseau caracteriza como “livre” o homem que vive nesse estado de natureza, por não estar preso a necessidades artificiais da sociedade civil. Só precisa garantir a sua auto-subsistência e felicidade⁶.

Na medida em que a criança é respeitada dentro de seu estado primitivo, ela passa a ganhar valor em seu próprio estado de natureza humana, adquirindo confiança em si mesma e construindo com liberdade seus desejos e sua própria natureza.

O homem encontra-se acorrentado por toda a parte, mas é na infância que podemos reconstruir, através da educação natural, um novo ser humano, desvinculado dos enganos que a sociedade de seu tempo apresenta. Para isso acontecer, precisamos seguir a proposta que Rousseau sempre defendeu: usar a educação natural para o trabalho com as crianças, respeitando-as em seu desenvolvimento biológico e cognitivo.

Uma das exigências fundamentais de Rousseau para a realização de um bom processo pedagógico está na forma como a infância é tratada, pois, segundo ele, a criança precisa ser protegida da artificialidade que a sociedade de seu tempo geralmente apresenta. O mundo da criança é tão frágil, que também precisa ser educado.

Pelo que foi exposto, percebemos que Rousseau traz no bojo de sua proposta uma mudança paradigmática na educação de seu tempo, mudança essa que necessariamente precisa ser respeitada, principalmente quanto ao uso da educação natural, para que as crianças possam compreender-se a si mesmas e entender a realidade que as constitui.

⁶ Sujeito a poucas paixões e bastando-se a si mesmo, o homem selvagem tinha apenas os sentimentos e as luzes próprias desse estado, sentia apenas suas verdadeiras necessidades, só olhava o que acreditava ter interesse de ver e sua inteligência não fazia mais o progressos do que sua vaidade (Desigualdade entre os Homens, 1999, p.197).

A EDUCAÇÃO NATURAL EM ROUSSEAU

A educação natural está fundamentada principalmente na obra *Emílio ou da Educação*, na qual, de forma romanceada, Rousseau expõe suas concepções através de relatos da educação de um jovem que, acompanhado por um preceptor idealizado pelo autor, vivia afastado da sociedade corrupta daquela época.

A citada obra de Rousseau teve como base os princípios de uma educação naturalista, que não apregoa o retorno de uma vida selvagem, sem contato com vida em sociedade, mas mostra que há situações em que as pessoas devem ser afastadas dos costumes da aristocracia da época e da vida artificial que gira em torno das convenções sociais. Portanto, essa educação deveria levar o ser humano a agir por interesses naturais e não por imposição de regras exteriores e artificiais, pois só assim o homem poderia ser o dono de si próprio.

O estado de natureza nasce bom e selvagem, ou seja, a criança em sua essência nasce boa, mas a relação que ela tem com a aristocracia da época é que pode corrompê-la e, conseqüentemente, aprisioná-la.

Assim, se a natureza já vem corrompida, a educação natural tem a função de purificá-la, e esse é um dos grandes objetivos que Rousseau apresenta para uma educação na infância. Não considera ele que a infância deve estar longe do meio social onde se encontra, mas sim que a criança, através de uma educação natural, possa não só compreender e interpretar o contexto em que está inserida, mas também relacionar-se com quem nele vive, qualquer que seja a época em que isso aconteça.

Rousseau vê essa purificação no contato com a sociedade, e quem tem o papel essencial em restabelecer tudo isso é a educação natural, uma vez que parte do pressuposto de que a criança, logo na infância, deve construir a sua autonomia. É preciso deixá-la livre, para que possa por si só perceber e, na medida do possível, evitar os entraves que a sociedade oferece.

Novas idéias foram trazidas por Rousseau para combater aquelas que predominavam há muito tempo, em sua época, como a de que a educação da criança deveria ser voltada aos interesses do adulto e da vida adulta, descriminando com isso sua natureza.

Percebemos, assim, que Rousseau introduziu na concepção de infância a idéia de que a criança é um ser com características próprias,

com seus ideais e interesses, e desse modo não pode mais ser vista como um “adulto em miniatura”⁷.

Com suas idéias, Rousseau construiu novas concepções de sociedade, que devem ser pautadas através de um processo educacional onde a criança passa a adquirir conhecimentos, hábitos e atitudes relacionando-se com o meio social, mas preservando sua identidade através da educação natural.

É através de Emílio, personagem fictício, que Rousseau pensa a educação natural necessária na primeira infância, na tensão entre as necessidades da criança e os cuidados que os adultos dedicam a ela. Esse processo de comunicação da criança acontece de várias formas, através de gestos, do choro e de outros sinais ou linguagens, como forma de ela pedir aquilo que está necessitando.

A relação do adulto com a criança é de cuidados, mas não somente, pois existe a necessidade de impor limites e disciplinar, visto que a criança, em seu estado de natureza, precisa que o adulto a auxilie em suas necessidades básicas, mas também que não caia na artificialidade.

Esse é um dos pontos centrais da educação natural, pois nela estão imbricadas as necessidades básicas da infância, mas também o limite que a criança pode obter em seu desenvolvimento, e quem pode fornecer-lhe isso é o adulto⁸.

Em Rousseau, o conceito de natureza enquanto cultura, processo social e a própria natureza humana, é uma questão da liberdade. É a liberdade que torna um conceito amplo de natureza em um conceito específico, ou seja, o aspecto singular e específico que reside na idéia de natureza humana está intrínseco na idéia de liberdade.

Percebemos que Rousseau, em seu desenvolvimento teórico e histórico, desconstrói o modelo de sociedade de seu tempo, pois através da educação natural, que deve acontecer logo na infância, faz renascer para a liberdade um novo sujeito, aquele que estava vivendo

⁷ Não se conhece a infância; no caminho das falsas idéias que se tem, quanto mais se anda mais se fica perdido. Os mais sábios prendem-se ao que aos homens importam saber, sem considerar o que as crianças estão em condições de aprender. Procuram sempre o homem na criança, sem pensar no que ela é antes de ser homem. Eis o estudo a que mais me aplicarei, para que, mesmo que meu método fosse quimérico e falso, sempre se pudessem aproveitar minhas observações (Emílio ou da Educação, 2004, p.4).

⁸ Rousseau é um dos primeiros, entre os modernos, a expor a tensão constitutiva do processo pedagógico que emerge do ideal de autonomia e emancipação atribuído aos envolvidos, e faz isso quando, ao pensar especificamente no papel do adulto, indica o grau de complexidade presente em sua relação com a criança, mostrando que a tarefa do adulto movimenta-se no fio da navalha de não adestrar a criança e nem deixar adestrar por ela (DALBOSCO, 2006, p.8).

na artificialidade dessa sociedade.

Para Rousseau é somente o ser humano que pode exercer determinado tipo de liberdade e esse tipo específico está associado a vários outros conceitos, que são: a idéia de razão, de consciência e de vontade.

Como um dos iluministas, Rousseau afirma que não há um processo educacional, se não se levar em conta a idéia de liberdade, que é o espelho do projeto de educação natural que deve acontecer logo na infância, para que a criança possa ser sujeito de si mesma e da realidade onde se encontra inserida.

Essa liberdade se apresenta na tensão entre as necessidades da criança e os cuidados do adulto. O que é ser livre, se pensarmos na primeira infância dominada pelas necessidades e pela incapacidade de atender por si só a essas necessidades? Como se pensa a liberdade da criança, no contexto em que ela é dominada pelas necessidades e é incapaz de atendê-las? O que é ser livre no contexto adulto, numa situação na qual o adulto precisa cuidar das próprias necessidades?

Para Rousseau a liberdade não é fazer o que se quer, mas apresentar uma educação de qualidade, pois o adulto não pode escravizar a criança e nem deixar-se escravizar por ela. Esse é o núcleo da educação natural voltada para a primeira infância.

Essa liberdade bem regrada que Rousseau mostra no período de zero a dois anos tem duplo significado: há um sentido de liberdade selvagem e outro de liberdade bem regrada. O sentido de liberdade selvagem que Rousseau apresenta é a liberdade na qual estão ausentes as regras, não a lei: significa como que ausência de regras. A liberdade sem regras não funda nenhuma moral e isso para Rousseau está presente na própria natureza e se manifesta na própria criança, pois sem regras há uma vontade soberana, isto é, uma vontade absoluta, entendida como capricho e desejo.

A indagação “Por que é constitutivo o mundo da criança?” nos leva a uma reflexão que possibilita várias respostas. Dentre elas, escolhemos uma que, apesar de simples, aponta para uma realidade facilmente observável: o mundo da criança é constitutivo porque ela não tem condições de fazer uma dissociação entre si própria e o mundo. Como não conhece a diferença entre ela e o mundo, a criança acha que o mundo e as outras pessoas devem estar sempre a seu serviço, constituindo o seu mundo.

Um dos pontos básicos da educação na infância é bater de

frente com essa problemática, é a construção de limites entre a necessidade e o cuidado, pois se isso não acontecer, os adultos vão viciar a criança, deixando acentuar o seu “egoísmo racional”.

O adulto deve, pois, educar a vontade desregrada da criança e não pode deixá-la fazer o que quer. Respeitar o mundo da criança não é fazer o que ela quer, mas sim impor limites, o que, segundo Rousseau, é parte do projeto da educação natural. Essa posição exige uma sensibilidade em distinguir o que é necessidade legítima e necessidade ilegítima. Supõe estabelecer certas barreiras ou limites, sabendo quando, onde e por que colocá-los.

Já a liberdade bem regrada é a vontade educada, é aquela que consegue perceber os limites, que racionaliza as necessidades, inclusive as emocionais, e que identifica as necessidades que são supérfluas. O projeto de educação natural sustenta-se nesta dupla dimensão: a liberdade selvagem e a liberdade bem regrada, pois para Rousseau a criança é um ser de desejos infinitos, e trabalhar com esses desejos é disciplinar.

Percebemos que, através da educação natural, Rousseau consegue fornecer sustentáculos para um novo sujeito humano, que tem condições de por si só construir, mesmo na artificialidade da sociedade, um novo sujeito humano, dando respaldo significativo para as ciências humanas.

A desconsideração da sociedade artificial de seu tempo é presuposto essencial para a construção de uma base epistemológica para as ciências humanas, através do aspecto pedagógico que Rousseau apresenta na educação natural. Esse referencial de fornecer ao sujeito humano a condição de liberdade dá vida ao ser humano na escolha de seus objetivos, respeitando o próprio sujeito e a sociedade em que ele está inserido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vários aspectos devem ser considerados como essenciais para restabelecer uma relação entre Rousseau e as ciências humanas. Eles merecem atenção e novas pesquisas para que possam apontar novos horizontes para o ser humano.

Rousseau, em seu desenvolvimento teórico, mostra que é possível em meio à sociedade artificial de seu tempo construir um novo

sujeito humano, através de uma educação natural que valorize a criança logo na infância. Esse pressuposto fundamental dá consistência e vivacidade às ciências humanas e ao próprio sujeito humano.

A problemática percorrida na busca de resgatar um novo sujeito encontrou em Rousseau um porto seguro e uma nova condição epistemológica para as ciências humanas. A educação natural logo na infância é o pressuposto essencial para a inserção do sujeito humano na sociedade democrática imaginada por Rousseau, que tem a vontade geral como seu alicerce de sustentação.

Nos elementos teóricos e pedagógicos que Rousseau apresenta, ele parece ter rompido com o modelo social e histórico apresentado pelo iluminismo, que desconsiderava o sujeito humano. Com influências de uma sociedade elitista e artificial, no contexto iluminista foi construído e aplicado o conceito de “adulto em miniatura”.

Mas o retorno à epistemologia de Rousseau nos indica um novo modelo de sociedade e de história, que tem como pressuposto essencial a reconstrução de um novo ser humano, capaz de pensar por conta própria desde a infância e participar da reconstrução de um novo sujeito.

A educação natural é em sua essência o primeiro aspecto que deve ser apresentado para que a criança possa entender, através do contato natural, as necessidades de ser sujeito do processo histórico e social, o que merece muita atenção nos dias de hoje.

Será que na atualidade a infância está sendo respeitada enquanto infância? O modelo econômico, político e social apresentado contribui para a construção, logo na infância, de um sujeito humano em seu meio social? Sabemos que há necessidade de se pensar e repensar urgentemente sobre o resgate e a valorização das ciências humanas, especialmente porque nelas está a possibilidade de construção/reconstrução de um “ser sujeito” na realidade em que está inserido.

Sendo o ser humano um ser de potencialidades naturais, em meio à sociedade e às estruturas sociais existentes ele pode construir sua própria moralidade, mas para isso é necessário que a infância seja respeitada em seu mundo, como portadora de seus ideais e de suas necessidades, em confronto direto com a natureza e não com a artificialidade com que a sociedade se apresentou e se apresenta.

Ser sujeito do processo humano e social é alavancar a natureza do ser humano, é dar espaço para que ele possa pensar em si mesmo

e na própria realidade onde está inserido, e não reproduzir ideais de uma pequena minoria. Somente pensar nos aspectos naturais biológicos atuais já fornece argumento para reconstruir a realidade que está aí, e isso quem pode fazer somos nós, sujeitos históricos da humanidade.

É evidente que se abrem várias possibilidades para iniciar novas pesquisas, porém é importante compreender que existe a necessidade de se repensar toda a construção biológica natural, e até mesmo cosmológica e antropológica, dos aspectos éticos que a natureza fornece para o ser humano. Mas é evidente, também, que o que está aí deve ser questionado e pensado com o máximo de urgência.

Portanto, o amplo horizonte em que o ser humano se situa e convive deve ser continuamente pesquisado, de modo especial em seu âmbito educativo, para que se possa dar sentido à realidade que estamos vivenciando, para que o modelo técnico-científico não seja o núcleo central do processo histórico-epistemológico e, sobretudo, para que o ser humano possa construir um novo sujeito, propiciando com isso vida às ciências humanas e à própria história.

REFERÊNCIAS

- BODEI, R. **A filosofia do século XX**. São Paulo: EDUSC, 2000.
- DALBOSCO, A.C. **Filosofia e educação**. Passo Fundo: UPF, 2004a.
- _____. **Sobre filosofia e educação**. Passo Fundo: UPF, 2004b.
- DIEHL, A.; TEDESCO, J. C. **Epistemologia das ciências sociais**. Passo Fundo: Clio, 2001.
- FÁVERO, A. **Filosofia, educação e sociedade**. Passo Fundo: UPF, 2003.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GRAMSCI, A. **Cartas do cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- _____. **Concepção dialética da história**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986.
- JAPIASSU, H. **Nascimento e morte das ciências humanas**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

- MARCONDES FILHO, C. **Ideologia**. São Paulo: Global, 1985.
- MARQUES, J. O. A. **Verdades e mentiras**. Ijuí: UNIJUI, 2005.
- MONDIN, B. **Curso de filosofia**. São Paulo: Paulinas, 1983.
- KUHN, T. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- REALLE, G. **História da filosofia**. São Paulo: Paulus, 2003.
- ROCHA, E. **A pesquisa em educação infantil**. São Paulo: UNICAMP, 1995.
- ROUSSEAU, J. **Emilio ou da Educação**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- _____. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- _____. **O contrato social**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- SANTOS, P.; SOLIGO, V. **São José e Olavo: duas escolas, uma história**. Concórdia: Sigma, 2005.
- STAROBINSKI, J. **La Transparence et l' Obstacle**. Paris: Gallimard, 1971.
- VIEIRA, V. L. **A democracia em Rousseau**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.

Encaminhado em: 06/03/07

Aceito em:22/05/07